cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, quinta-feira, 25 de abril de 2024

Rivais traz Zendaya, Josh O'Connor e Mike Faist

Fotos: Warner Bros. Pictures/Divulgação

Emoção à flor da pele

ALÉM DA SENSUALIDADE E DAS DISPUTAS ESPORTIVAS IMPRESSAS NO NOVO FILME DO MESMO DIRETOR DE *ME CHAME PELO SEU NOME*, ESTRELADO POR ZENDAYA; O CIRCUITO DA CIDADE RECEBE O EXUBERANTE E VIOLENTO CONTRA O MUNDO, AVENTURA SITUADA EM PLENA DISTOPIA

» RICARDO DAEHN

Desenvolta num vestido azul, a estrela Zendaya traz o brilho de um ícone fashionista para o papel da tenista prodígio Tashi Duncan, nas cenas mais empolgantes do novo longa assinado pelo cineasta Luca Guadagnino. Inicialmente, ela não decola nas sequências de tênis, dentro das quadras, ainda que tenha sido assessorada pelos profissionais dos esportes Eric Taino e Brad Gilbert. No filme, Tashi, a personagem, treina o marido, que sofre uma sequência de derrotas. As tensões afloram e assumem um rumo inesperado quando o marido enfrenta um antigo amigo nas quadras. O detalhe de o amigo do marido ter sido pretendente de Tashi torna a trama intrincada, provocando o choque dramático entre passado e presente. O preço da vitória será caro.

Com alta carga de erotismo, *Rivais* é estrelado pelos dois oponentes, ligados às quadras e à conquista da independente personagem: Patrick Zweig (Josh O´Connor, o Príncipe Charles de *The crown*) e Art Donaldson (Mike Faist, visto como Riff, em *Amor, sublime amor*). Um passado em comum, com aproximação estreita entre Art e Zweig, desde os 12 anos, torna tudo bem delicado.

O cineasta Luca Guadagnino, vale a lembrança, foi muito celebrado por filmes como *Até os ossos* e *Me chame pelo seu nome*.

Agitada e concentrada, a cada cena, além de elegante, em figurinos criados pelo estilista Jonathan Anderson, Zendaya destacou, em recente entrevista a *Vogue*, elementos que criam o clima do cinema de Guadagnino. "Vem dos olhares, junto com a tensão. Sinto que Luca cria esse ambiente visceral", comentou. Escalado pela também produtora (além de atriz) Zendaya, Guadagnino destacou, em e-mail (à época da pré-produção), sempre ter admirado, a atriz. Closes sensuais, suor e música diferenciada integram as cenas iniciais do longa disposto em campeonato nas quadras de New Rochelle (Nova York).

Cheia de respostas atravessadas, Tashi é projetada já como a determinada esposa de Donaldson. Noutro extremo, incapaz de pagar vaga em simplório hotelzinho, Zweig aparece como o devastado sonhador, que, na véspera de torneio, dorme no carro, a fim de economizar. Com a capacidade de promover a instabilidade ao redor dele, Donaldson é um jogador com quê decadente. Sentada, com o público da partida de tênis, Tashi gera aquele auê que Zedaya causa entre fãs. E, sim, o filme abriga generosos beijos. À revista *Variety*, ela falou sobre a responsabilidade e o peso das cenas de romance. "Não sei se (tanto me perguntam de beijos), por quererem que seja, algo viral. Mas percebi isso, especificamente comigo (...) Mas, sim, faz parte do meu trabalho e é uma parte completamente normal do set, mesmo com outra percepção de pessoas. Acho estranho", comentou.

Dividido em temporadas (de escalada profissional) de cada personagem, *Rivais* se debruça sobre tormentos emocionais por trás das competições. Há um momento em que o personagem Zeig sela o destino de Donaldson: "Ele está pronto para morrer". Muito se fala de amor e de tênis, no filme, e ainda assim, mesmo com muita digressão cronológica (muito precisa), o diretor Luca Guadagnino tempera todo o enredo com quentura e breves escapadelas na fidelidade de relações. Em determinado momento, mesmo Tashi se flagra de ser uma "destruidora de lares". Cheio de energia e dor, *Rivais* trata de fracassos e cumplicidade, encampando muitos momentos decisivos — muitos deles, absolutamente saborosos para os espectadores.

Muita disputa e sensualidade estão nos bastidores das quadras de tênis

---

Crítica // *Contra o mundo* ★★★★

Um mix **brutal** e **envolvente**

Há uma enxurrada de ingredientes do mundo pop que, num jogo de colagem empolgante, desestabiliza a plateia do violento filme de estreia do alemão Moritz Mohr, que ganha a chancela da produção do consagrado *Sam Raimi* (da boa safra de de filmes em torno do *Homem-Aranha*). Da moldura dos filmes de Quentin Taratino à afinidade do universo de *Blade Runer*, passando pela hiper-realidade controlada por cineastas como David Leitch e Guy Ritchie. Pronto, e ponto — este é o sumo cinéfilo de *Contra o mundo*, filme de base simples: a facínora Hilda Van Der Koy controlaria milhares de súditos, entre os quais o surdo-mudo *Boy* (quando adulto, interpretado por Bill Skarsgard), um personagem que é puro desejo de vingança, uma vez que teve a família liquidada na autocracia da dinastia Van Der Koy.

Estilizado e excessivo (com quê de Robert Rodriguez), o longa imprime modernosa atmosfera, no qual a alucinada jornada de Boy inclui desde o treinamento (ao lado do impiedoso Xamã, feito por Yayan Ruhian) se rende ao conceito de liminaridade (a meio-termo entre realidade e sonho). Guerreiro nutrido pela imagem aos moldes de 300, *Boy* se vê como "a arma". Sob velocidade atordoante, num versão de faca de dois gumes, a edição se prova inovadora (mas peca, muito, ao final do enredo).

Frenético e brutal, o filme abraça traição, acrobacias e quesitos extraídos de *Star Wars* (com espécies de Stormtroopers em ação e ainda a destruição "da estrela da morte" em jogo). Entre muita revolta e animosidade, Boy acha espaço para reviravoltas, como um supertime para *Boy*, com direito a Basho (Andrew Koji , de G.I. Joe Origens) e a bizarra afinidade dele com o personagem de Isaiah Mustafa (*Quero matar meu chefe*). No fim, pesa a ideia de um Jogos vorazes mesclado com terror.

Paris Filmes/Divulgação

Contra o mundo, com Bill Skarsgård